

Jéssica da Silva Bezerra

09/0007972

**Do sujeito nulo ao sujeito pleno no Português do Brasil: duas hipóteses para
explicar o fenômeno**

Brasília

2014

Jéssica da Silva Bezerra

09/0007972

Do sujeito nulo ao sujeito pleno no Português do Brasil: duas hipóteses para explicar o fenômeno

Artigo apresentado ao Departamento de Linguística,
Português e Línguas Clássicas – LIP, como Trabalho de
Conclusão do Curso de Letras Português (licenciatura)
da Universidade de Brasília

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª.: Helena da Silva Guerra Vicente

Brasília

2014

1 - RESUMO

O presente artigo tem como tema central a tendência cada vez maior a se preencher a posição de sujeito no Português do Brasil (doravante PB). Essa tendência é cada vez mais frequente, o que estaria levando o PB a tornar-se uma língua de sujeito pleno. Especialmente tratado pela teoria gerativa, ele alcança proporções muito maiores quando se pensa na riqueza linguística desse fenômeno no idioma. O sujeito pleno está cada vez mais presente em diversas manifestações do Português do Brasil, seja ela oral ou escrita, fazendo com que esse fenômeno se torne cada vez mais comum. Para explicitar e analisar o tema, será trabalhado em relação a ele o conceito de parâmetro pro-drop (Chomsky, 1998).

A pesquisa será desenvolvida com base nos pressupostos da teoria gerativa, de Noam Chomsky (1957 e trabalhos subsequentes). Serão expostas duas hipóteses para explicar o fenômeno: a hipótese da marcação da desinência verbal (DUARTE, 1996) e a hipótese de o português brasileiro ser uma língua voltada para o discurso (NEGRÃO, 1999).

Palavras-chave: sujeito nulo, Português do Brasil (PB), teoria gerativa, parâmetro pro-drop

2 – ABSTRACT

The present article has as its main theme the growing tendency of fulfilling the position of the noun in the Brazilian Portuguese (now on BP). This tendency is becoming more frequent, which is making BP become a language of absolute noun, specially when treating of generative theory, it reaches even bigger proportions when we think about the linguistic richness of this phenomenon in the language. The absolute noun is becoming each time more frequent in the many manifestations of BP, in its oral and written forms, making this phenomenon become more common. To show and analyse the theme, it will be worked in relation to the concept of the pro-drop parameter (Chomsky, 1998).

The reserch will be developed with basis in the generative theory of Noam Chomsky (1957 and afterward works). Two hypotesis will be exposed to explain the phenomenon: the hypotesis of demarcation of desinência verbal (DUARTE, 1996) and the hypotesis of the BP be an used for preaching language (NEGRÃO, 1999).

Key Words: null noun, Brazilian Portuguese (BP), generative theory, pro-drop parameter.

2 – INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Nesta pesquisa, pretende-se focar as duas hipóteses que buscam explicar a tendência atual de se preencher a posição de sujeito no PB: a hipótese de que o empobrecimento do paradigma flexional verbal no PB estaria levando o falante dessa língua a preencher cada vez mais a posição de sujeito (DUARTE, 1996), e a hipótese de que tal preenchimento se deveria à possibilidade de o português ser uma língua voltada para o discurso (NEGRÃO, 2000). Será traçado um quadro evolutivo do sujeito nulo do português brasileiro, que apesar de ser uma língua [+pro-drop] em relação ao parâmetro do sujeito nulo, apresenta uma tendência significativa ao parâmetro negativo [- pro-drop], como o francês e as línguas germânicas, a exemplo do inglês. Para tanto, serão trabalhados os conceitos de sujeito nulo em contraposição ao conceito de sujeito pleno, mostrando a atual tendência do português a utilizar esse último. Os pressupostos teóricos orientadores desta pesquisa foram baseados nos princípios da teoria gerativa, proposta por Noam Chomsky (1957 e trabalhos subsequentes), abordando temas como parâmetro pro-drop, hierarquia da frase etc.

A realização deste trabalho se justifica pelo fato de o PB estar passando de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito pleno, sendo essa questão um tema de grande relevância para a Linguística. Dentro desse âmbito, há diversas pesquisas relacionadas (DUARTE, 1996; NEGRÃO, 1999; KAISER, 2002), mostrando ser o assunto de grande importância para os estudos linguísticos. Segundo Chomsky (1998), o português é uma língua “pro-drop”. Portanto, no intuito de trazer o tema à tona, objetiva-se explicitá-lo de forma a abri-lo para a relação com a teoria gerativa, especificamente com duas hipóteses: a marcação da desinência verbal (DUARTE, 1996) e o português brasileiro como uma língua voltada para o discurso (NEGRÃO, 1999).

Na linguística gerativa, muito se tem estudado sobre o assunto, despertando o interesse dos estudantes que entram em contato com esse pressuposto. Nesse intuito, o objetivo de desenvolver esta pesquisa nasce pelo interesse em identificar e analisar as ocorrências de sujeito nulo e pleno, a fim de observar as possíveis hipóteses correlacionadas aos valores positivo ou negativo desse parâmetro, sem, contudo, qualificar uma hipótese em detrimento da outra, mas apenas explaná-las como possíveis

explicações para o fenômeno da passagem do sujeito nulo para o sujeito pleno, a fim de abrir a visão do leitor para outras possibilidades.

A fim de bem desenvolver esta pesquisa, serão analisados dados do PB, por vezes comparados aos do francês, observando-se a ocorrência de sujeito nulo (parâmetro positivo) em contraposição à ocorrência de sujeito pleno (parâmetro negativo).

2.1 – A TEORIA GERATIVA

A mente humana, capaz de produzir tantas coisas, é constituída por módulos responsáveis por diversas funções que comandam certas habilidades inerentes ao ser humano. O módulo mental responsável pela linguagem é a *Faculdade da Linguagem* (CHOMSKY, 1998). Dentro dessa perspectiva da língua como uma produção mental, a realização de uma frase não pode ser encarada como uma simples estrutura linear, pois, a partir do momento em que ela é produzida na mente, os elementos que a constituem apresentam uma *hierarquia* entre si (CHOMSKY, 1998). A faculdade da linguagem é construída por princípios que regem todas as línguas naturais e por parâmetros, que são características mais particulares das línguas (CHOMSKY, 1998), raciocínio que fundamenta a Teoria de Princípios e Parâmetros, um desenvolvimento da Teoria Gerativa. Em relação aos princípios gerais das línguas, há, por exemplo, o Princípio da Projeção Estendida (EPP) (CHOMSKY, 1998), que estabelece que todas as línguas naturais possuem sujeito. Diante disso, o que dizer das línguas de sujeito nulo como o português, o espanhol e o italiano? Essas línguas, denominadas “línguas de sujeito nulo”, possuem a categoria vazia na posição de sujeito, o que significa que tal posição não é preenchida fonética e morfologicamente, mas o é sintaticamente, como caracteriza o EPP. A questão de o sujeito ser nulo ou pleno se coloca no âmbito do parâmetro particular de cada língua, sendo positivo para o sujeito nulo quando ele é permitido (exemplo: português, espanhol, italiano) e negativo quando o sujeito não pode ser omitido (sujeito pleno), como é o caso do francês e do inglês. Dentro das línguas românicas, o francês é o único idioma que possui parâmetro negativo para o sujeito nulo. Mas é interessante ressaltar que o PB está nesse processo de transição de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno.

Como todo ser-humano possui a faculdade da linguagem e é justamente esse módulo que o torna único e diferenciável em relação às outras espécies animais,

logicamente todos os seres-humanos já nascem com essa predisposição a adquirir uma língua. Esse estado cognitivo inicial é o que Chomsky (1998) denomina *Universal Grammar* (Gramática Universal ou simplesmente GU), constituída por princípios e parâmetros, sendo estes ainda não definidos. A Gramática Universal é, portanto, “o estágio inicial de um falante que está adquirindo uma língua” (MIOTO et al, 2004, p. 26). A partir desse conceito, recai-se sobre um outro: o da *aquisição da linguagem* (CHOMSKY, 1998), que é quando “a criança desenvolve sistemas gramaticais equivalentes aos dos demais membros de sua comunidade” (MIOTO et al, 2004, p. 29), ou passa a “fixar os valores dos parâmetros previstos na UG” (MIOTO et al, 2004, p. 33), sendo o fenômeno universal. O processo de aquisição se dá da seguinte forma: a criança tem acesso ao *input*, e, possuindo a GU, passa, então, a adquirir um sistema gramatical específico. Esse sistema gramatical adquirido corresponde à *competência linguística* (CHOMSKY, 1998) e a concretização desse conhecimento denomina-se *desempenho linguístico* (CHOMSKY, 1998).

Os estudos relacionados ao sujeito nulo encontram espaço propício na Teoria Gerativa, que muito tem contribuído para o progresso dos estudos linguísticos. Essa teoria busca identificar esse fenômeno natural de transição do PB de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno e busca estabelecer possíveis explicações que corroboram a sua ocorrência. Dentro desse tema, apresentam-se as hipóteses (i) do empobrecimento do paradigma flexional verbal (DUARTE, 1996) e (ii) a de que o português seria uma língua voltada para o discurso (NEGRÃO, 1999).

Segundo Chomsky, o português é uma “língua “[+pro-drop]”. Isso quer dizer que essa língua possui uma propriedade que permite a realização do sujeito nulo, sem que esse parâmetro seja quebrado; diferentemente do francês, que é caracterizado como uma língua [-pro-drop]. Porém, como o PB tem passado por uma fase de transição de língua [+pro-drop] para língua [-pro-drop], estaria se aproximando do parâmetro da língua francesa.

O vazio do sujeito acontece no plano morfológico e fonético, mas não no plano sintático (estrutura linear) e nem na estrutura profunda da frase ou *Deep Structure (DS)* (MIOTO et al, 2004). Em contrapartida, o sujeito pleno é preenchido morfológica,

fonética e sintaticamente e também na DS¹ da frase. Logo, tanto nas ocorrências de sujeito nulo quanto nas de sujeito pleno, há representação sintática. Isto é, a representação sintática nunca deixa de existir, mesmo o sujeito sendo nulo.

2.2 - O SUJEITO NULO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

De acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros, a maioria das línguas românicas possui um parâmetro em comum, que é o de apresentar valor positivo [+pro-drop] para o sujeito nulo. A exemplo disso, temos o espanhol, o português e o italiano. Nesse grupo das línguas neolatinas, apenas o francês, atualmente, apresenta valor negativo para o parâmetro do sujeito nulo (PSN). Vejamos os exemplos nas línguas românicas com a sentença “Chove hoje.”²

Línguas românicas

[+pro-drop]	[-pro-drop]
Português: \emptyset Chove hoje.	Francês: <i>Il pleut aujourd'hui.</i>
Italiano: \emptyset Piove oggi.	
Espanhol: \emptyset Llueve hoy.	

Nas sentenças apresentadas acima, percebe-se o contraste entre o parâmetro [+pro-drop], com exemplos em que a categoria de sujeito está vazia (representada pelo elemento \emptyset) e o parâmetro [-pro-drop] onde a categoria de sujeito é representada por um sujeito expletivo (“il”).

2.3 – SITUAÇÕES EM QUE OCORRE O SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMPARADO AO FRANCÊS

Na Gramática Tradicional (GT) ou gramática prescritiva existem diversas situações ao que, na linguística gerativa, corresponde ao sujeito nulo (PERINI, 2006). Bechara (1999) chama orações com sujeito explícito de referidas e as que não contêm sujeito de não-referidas. E ainda afirma: “... nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação prediativa, embora a sua

¹ Do inglês *Deep Structure*, é a estrutura profunda da frase. Segundo MIOTO (2004), explica fenômenos de deslocamento em frases como “o que o João comprou?”. Nessa oração, o objeto, apesar de estar deslocado, é entendido nesse nível da estrutura profunda como estando na posição natural de complemento do verbo (“o João comprou o que?”).

² Exemplos meus.

presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português” (BECHARA, 1997, p. 408). Mesmo se tratando do que prescreve a GT, Bechara reconhece que o sujeito pode não aparecer na oração e ainda se coloca de acordo com os atuais estudos gerativistas ao afirmar que, apesar disso, a sua presença é frequente na língua portuguesa. E ainda exemplifica: “Em *Chove*, o verbo flexionado na 3ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação prediativa não-referida, pois não admite sujeito explícito”. (BECHARA, 1997, p.408). Vejamos alguns exemplos com a nomenclatura da Gramática Tradicional.

1) Sujeito inexistente

Ex: Ø Chove em Brasília.

Il pleut à Brasília.

Ex: Ø Há quinze alunos na sala de aula.

Il y a quinze élèves dans la salle de cours.

2) Sujeito desinencial

Ex: Ø Canto no coral da escola

Je chante dans le coral de l'école.

Nesse caso, em específico, no português brasileiro, há uma atual tendência ao preenchimento da categoria vazia, como é realizado no francês.

3) Sujeito indeterminado

Ex: Ø Roubaram os documentos de Pedro.

On a volé les documents de Pedro.

Ex: Vende-se casa no Park Way.

On vend une maison à Park Way.

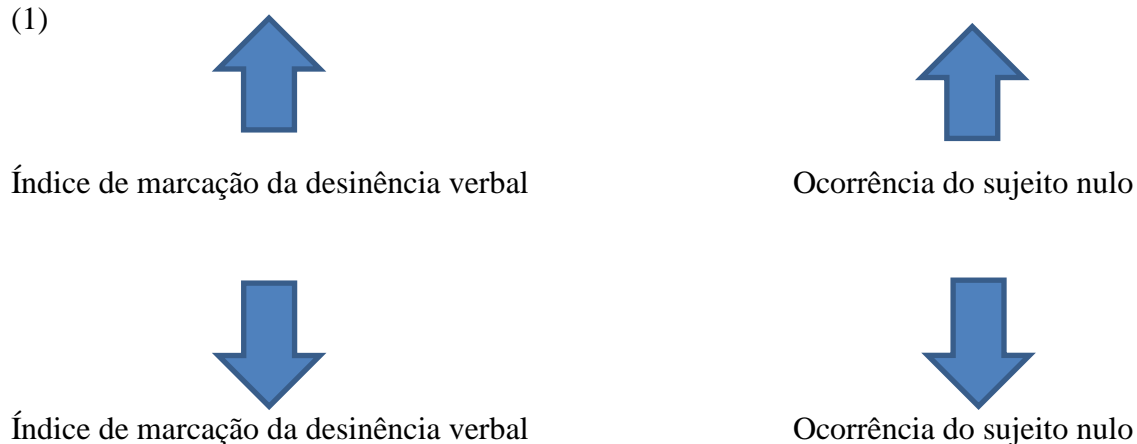
Ao compararmos as mesmas sentenças em português e francês, vemos que nessas últimas, a posição de sujeito nunca está vazia, ao contrário do português. Na língua francesa, há sempre a necessidade de preenchimento do sujeito, que nos casos em negrito são classificados como *sujeitos expletivos*, o que é explicado pelo *Princípio da Projeção Estendida (EPP)* (MIOTO et al, 2004).

2.4 – RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO NULO E A HIPÓTESE DA MARCAÇÃO DA DESINÊNCIA VERBAL

A hipótese da marcação da desinência verbal está diretamente ligada à presença do *elemento AGR* (DUARTE, 1996) - também chamado elemento de concordância – no paradigma verbal.

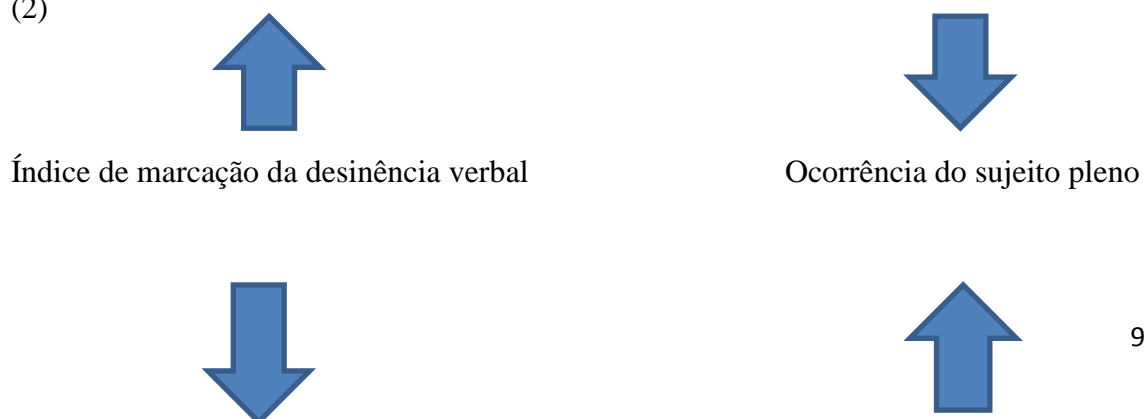
A relação entre a ocorrência de sujeito nulo e a marcação da desinência verbal ocorre de forma proporcional ou direta, ou seja, quanto maior for o índice de marcação da desinência verbal, maior a possibilidade de o sujeito ser nulo. Quanto menor for o índice de marcação da desinência verbal, a possibilidade de o sujeito ser nulo tende a zero (como esquematizado em (1)).

(1)



Sendo assim, a relação se inverte entre a marcação da desinência verbal e o sujeito pleno: sendo o índice daquela maior, a possibilidade de o sujeito ser pleno reduz bastante, e, sendo a ocorrência da marcação da desinência verbal menor, o preenchimento da posição de sujeito é essencial (como esquematizado em (2)).

(2)



Vejamos alguns exemplos:

(a) Nós cantamos no coral da escola.

(b) Cantamos no coral da escola.

(c) Nós canta no coral da escola.

(d) *Canta no coral da escola. *

A sentença (d) é agramatical no PB, pois não há a possibilidade de seu sujeito ser nulo. Se o espaço do sujeito não for preenchido, não é possível identificar o sujeito “nós”, diferentemente de (b), na qual o sujeito “nós” é perfeitamente identificável, devido à marcação da desinência verbal pelo morfema “-mos”. Em (d), ocorre, ainda, uma particularidade, pois se pode pressupor que o sujeito seja a 3ª pessoa do singular, gerando dúvida, visto que, na oralidade, essa forma verbal é perfeitamente aceitável para as duas pessoas do discurso (“nós”, “ele”, “eles” e ainda “tu” em alguns dialetos). Vejamos como isso funciona no quadro apresentado por Duarte (1996):

Pessoa	Núm.	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª	sing.	cant-o	canto-o	canto-o
2ª direta	sing.	canta-s	_____	_____
2ª indireta	sing.	canta-O	canta-O	canta-O
3ª	sing.	canta-O	canta-O	canta-0
1ª	plur.	canta-mos	canta-mos	canta-0
2ª direta	plur.	canta-is	_____	_____
2ª indireta	plur.	canta-m	canta-m	canta-m
3ª	plur.	canta-m	canta-m	canta-m

Evolução nos paradigmas flexionais do português. (DUARTE, 1996)

Como percebemos, nesse quadro, os paradigmas flexionais do PB estão desaparecendo. Como afirma Duarte (1996, p. 109): “Há, no português do Brasil, uma crescente simplificação nos paradigmas flexionais.”

Vejamos, agora, o caso da língua francesa contemporânea, que possui o parâmetro [-pro-drop] para o sujeito nulo por marcação da desinência verbal reduzida na pronúncia de quatro das seis pessoas (a saber, *je*, *tu*, *il* e *ils*), um exemplo que corrobora essa hipótese. Vejamos o exemplo com o verbo *chanter* (cantar):

Escrita	Pronúncia
Je chante	Je chant Ø
Tu chantes	Tu chant Ø
Il/Elle/On chante	Il/Elle/On chant Ø
Nous chantons	Nous chantõ
Vous chantez	Vous chantê
Ils/Elles chantent	Ils/Elles chant Ø

Ao contrário do francês contemporâneo, o francês antigo era uma língua de sujeito nulo – e, portanto, portadora de parâmetro [+pro-drop] (ROBERTS, 1993). Observemos os exemplos de ocorrências de sujeito nulo, no francês antigo, ilustrados por Vance (1989) *apud* Duarte (2008), nos quais se utiliza [cv] para representar a categoria vazia:

- (a) Et [cv] ly direz que je me recommande humblement a elle...
(e – lhe direis que eu me recomendo a ela humildemente)

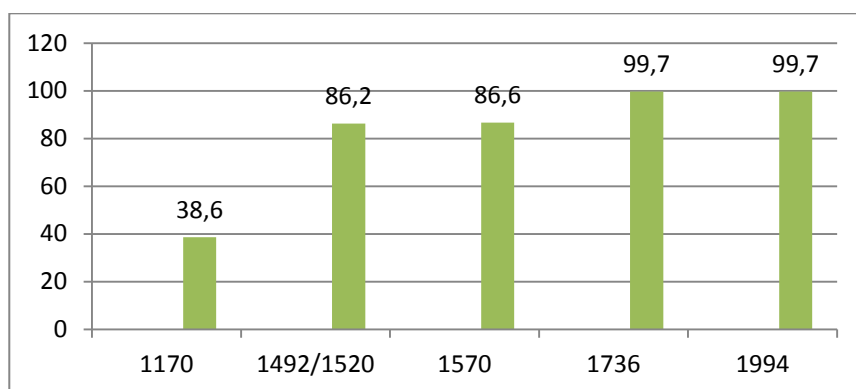
Em (a) é possível identificar o sujeito como “vous” de acordo com a marcação clara da desinência “ez” do verbo “direz”, possibilitando que a categoria de sujeito esteja vazia sem prejuízo sintático ou semântico. Porém, diferentemente do que ocorria no francês antigo, não há essa possibilidade para o francês contemporâneo, que não permite que a categoria de sujeito fique vazia, pelo fato de o mesmo não poder ser deduzido através da marcação da desinência verbal, que foi enfraquecendo no decorrer

da evolução diacrônica. Vejamos como ficaria essa mesma sentença no francês contemporâneo.

(b) Et **vous** lui direz que je me recommande humblement à elle...

Em (b) não há a possibilidade de a categoria de sujeito ser vazia, pois não há marcação da desinência verbal na pronúncia do verbo “direz”, embora haja na escrita. Sendo assim, se tal categoria fosse vazia, a sentença seria agramatical nesse sentido.

Comparando-se os dois períodos da língua francesa, o antigo e o contemporâneo, pode-se afirmar que o francês antigo possuía um paradigma flexional mais “rico” do que o francês atual. Conclui-se, então, que esse fenômeno se dava pela marcação da desinência verbal na escrita e na pronúncia, que foi se perdendo ao longo da sua evolução. Vejamos alguns exemplos da evolução desse parâmetro no trabalho de (Kaiser 2002):



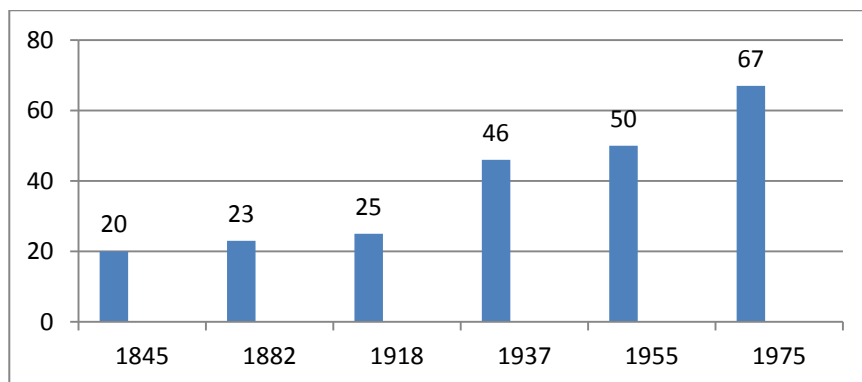
Ocorrência total de pronomes sujeitos lexicais em orações finitas declarativas e não coordenadas em traduções francesas da Bíblia (1 Samuel, 1-3, 2 Samuel 1-14). *

De acordo com o seu trabalho, vemos que nem sempre o parâmetro pro-drop para o sujeito nulo no francês foi negativo. Ao contrário de hoje em dia, esse mesmo parâmetro apresentava valor positivo. Esse fenômeno é perceptível pela pesquisa do gráfico que mostra o crescente preenchimento lexical da posição de sujeito entre os anos de 1170 e 1994. Portanto, temos um contraste diacrônico do valor desse parâmetro.

Atualmente, na língua francesa, bem como na língua inglesa, a posição de sujeito é sempre preenchida, mesmo nos casos que corresponderiam, na gramática tradicional do português, aos sujeitos inexistente, desinencial e indeterminado (rever a seção 2.3). Portanto, tanto o francês quanto o inglês utilizam-se do *sujeito expletivo*,

visto que, de acordo com o parâmetro dessas línguas e com o princípio do EPP, tal categoria não pode ficar vazia fonética e morfológicamente. No caso do francês, o sujeito expletivo é representado por “il” e no inglês por “it” – que, nesse caso, não têm conteúdo lexical nem papel semântico dentro da sentença. Servem apenas para preencher a posição de sujeito fonética e morfológicamente, desempenhando uma função sintática: a de sujeito, como em “Ø Chove hoje.”, “Il pleut aujourd’hui.”, “It rains.”

Estudos atuais (DUARTE, 1996; KAISER, 2002) demonstram que o PB apresenta uma tendência que pode levá-lo a passar por um processo semelhante ao do francês, considerando-se essa evolução diacrônica apresentada por Kaiser. Segundo a hipótese explicitada nesse subitem, o crescente preenchimento da categoria de sujeito está relacionado ao que Duarte (1996) denomina *enfraquecimento* ou *empobrecimento* da marcação da desinência verbal, em contraste com a “presença da concordância rica” (DUARTE, 2008, p. 265), responsável pelo aumento das ocorrências de sujeito nulo e a queda das ocorrências de sujeito pleno, como acontece nas línguas românicas a exemplo do espanhol, italiano e português europeu (PE) (DUARTE, 2008, p. 265). Vejamos um exemplo da evolução diacrônica do PB quanto ao preenchimento lexical na posição de sujeito:



Evolução do uso de pronomes sujeitos lexicais no português brasileiro através de sete períodos (Duarte 2000:19).

De acordo com Duarte (2008): “O PB apresenta hoje um sistema defectivo de sujeitos nulos”, o que corresponde a dizer que o seu uso se tornou muito restrito, provavelmente devido a esse *empobrecimento* ou *enfraquecimento* da marcação da desinência verbal. Portanto, a fraca marcação da desinência verbal impõe restrição à realização do sujeito nulo.

Apesar de defender a hipótese da marcação da desinência verbal, Duarte (2008) também mostra indícios de o sujeito nulo estar relacionado à “presença de um tópico discursivo sintaticamente acessível” (DUARTE, 2008, p.265), o que será tratado na próxima seção a partir da argumentação desenvolvida em Negrão (1999).

2.5– A HIPÓTESE DO PORTUGUÊS COMO UMA LÍNGUA VOLTADA PARA O DISCURSO

De acordo com Negrão (1999), o português brasileiro pode ser uma língua voltada para o discurso – uma outra hipótese que explicaria a transição do PB de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno. Antes de mais nada, a afirmação de que uma língua é voltada para o discurso está relacionada à Gramática, pois está associada ao crescente uso do recurso da topicalização.

Embora não seja abordada pela Gramática Tradicional (GT), a topicalização consiste em colocar um sintagma em relevância na frase, estando na posição inicial, o que dá a tal constituinte maior destaque e importância nesse contexto. Ela pode ser sentencial ou discursiva (PERINI, 2006), esta última ocorrendo sobretudo na fala. De acordo com Perini (2006, p. 201), “as construções de tópico – principalmente as de tópico discursivo – são frequentes na fala, e quase não ocorrem na escrita formal.”; talvez seja esse o motivo de sua exclusão da GT, que se restringe aos aspectos formais e escritos da língua. Nesse caso, será de maior interesse a topicalização discursiva, por estar diretamente associada à hipótese do português como uma língua voltada para o discurso. Segundo Perini (2006, p. 200), o tópico discursivo “é indispensável a uma descrição que pretenda dar conta da estrutura da língua”.

A topicalização discursiva é uma das formas de se marcar o tópico, que está além da análise sintática, ocorrendo, portanto, no âmbito discursivo. Como é característico do recurso da topicalização, um determinado constituinte é colocado em relevância na sentença, - é o chamado *tópico* (PERINI, 2006). Porém, na topicalização discursiva, diferentemente da sentencial, “não há maneira de atribuir a esse elemento topicalizado uma função sintática, como sujeito, objeto direto ou adjunto adverbial.” (PERINI, 2006, p. 195)

Isso significa que, de acordo com a hipótese do português como língua voltada para o discurso, a posição de sujeito tende a ser preenchida pelo tópico discursivo. Como explicitado acima, isso não quer dizer que o tópico discursivo localizado na posição de sujeito tenha necessariamente essa função sintática, mas está ali presente apenas com o intuito de preencher essa posição. Nesse sentido, o tópico discursivo corresponde à posição de sujeito assim como o comentário corresponde à de predicado. Sendo assim, essa hipótese privilegia a relação tópico/comentário em detrimento da relação sujeito/predicado (LI & THOMPSON, 1976 *apud* PERINI, 2006), sendo esta mais relevante para a hipótese da marcação da desinência verbal. No PB, isso vem acontecendo com frequência na posição de sujeito, que passa a ser mais topicalizada, sendo o tópico (função informacional) (NEGRÃO, 2000) mais importante que o próprio sujeito (função gramatical). Esse fenômeno é uma das possíveis explicações da decrescente utilização do sujeito nulo e a crescente utilização do sujeito pleno, tendência atual no PB. Exemplo: “*Esse carro* o motor tá precisando trocar.” (PONTES, 1986, 1987 *apud* PERINI, 2006), onde o constituinte *esse carro* é topicalizado.

Assim, o português, além de ser uma língua “pro-drop”, também se utiliza do recurso da topicalização como estratégia para colocar em evidência a estrutura topicalizada. A topicalização é uma propriedade paramétrica das línguas românicas, havendo, então, movimento na estrutura superficial da sentença - *Surface Structure* (MIOTO et al, 2004) –, mas não na estrutura profunda - *Deep Structure* (MIOTO et al, 2004) –. Dentro dessa perspectiva, a questão do sujeito nulo se associa ao fato de o PB ser uma língua voltada para o discurso. Esse processo consiste em marcar, na posição de sujeito (nível DS), o tópico do discurso (nível SS), ocorrendo no plano da sintaxe aberta (NEGRÃO, 2000).

A ideia do português como uma língua voltada para o discurso - onde o elemento proeminente é o tópico - opõe-se à ideia de língua voltada para a sentença - onde o elemento proeminente é o sujeito (NEGRÃO, 1999, p.184) -, exemplificada pela hipótese da marcação da desinência verbal (DUARTE, 1996), apresentada anteriormente. A hipótese do discurso é respaldada na proposição de Huang (1984), em que se faz um estudo demonstrando que o chinês, apesar de não ter marcação da desinência verbal, apresenta sujeito nulo, e por Jaeggli e Safir (1987), com a hipótese da uniformidade morfológica dos paradigmas verbais. Além disso, Li & Thompson (1976

apud PERINI, 2008) também utilizam o exemplo do chinês com o recurso da topicalização para corroborar essa hipótese.

Portanto, de acordo com Perini (2006, p. 201), esses fatores denunciam “uma tendência histórica do português do Brasil, que estaria no processo de se tornar uma língua com predominância cada vez maior das construções de tópico em detrimento das construções de sujeito.”

3 – MATERIAL E MÉTODOS

3.1 – MATERIAL

Os *corpora* a serem analisados são frases com sujeito nulo e pleno retiradas de trabalhos feitos por linguistas e estudiosos da área que se dedicam ao tema e exemplos próprios de frases do cotidiano do brasileiro.

3.2 – MÉTODOS

Foram consideradas duas hipóteses que podem estar relacionadas à ocorrência de sujeito nulo:

- Marcação da desinência verbal (DUARTE, 1996)
- O português brasileiro como uma língua voltada para o discurso (NEGRÃO, 1999)

A metodologia desta pesquisa consistiu em identificar e analisar as ocorrências de sujeito nulo e pleno em diversos exemplos, com embasamento teórico gerativista. Para isso, foram explicados conceitos próprios do gerativismo como faculdade da linguagem, competência linguística, aquisição da linguagem etc. O corpus foi constituído de exemplos de frases com sujeito nulo retirados de trabalhos feitos por linguistas e estudiosos da área que se dedicam ao tema e exemplos próprios ligados a frases do cotidiano do brasileiro.

4 - CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho buscou-se explicitar duas hipóteses para explicar a tendência a se preencher a posição de sujeito no PB: a hipótese da marcação da desinência verbal e o português como língua voltada para o discurso. O parâmetro do sujeito nulo no PB pode

ser explicado tanto pela hipótese da marcação da desinência verbal (DUARTE, 1996) quanto pela hipótese que afirma ser o português uma língua voltada para o discurso (NEGRÃO, 1999), constituindo-se através de um fenômeno natural da língua.

O Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) para o português é naturalmente positivo, portanto é uma língua [+pro-drop]. Porém, o PB tem apresentado por uma tendência a tornar esse parâmetro negativo, reforçando o caráter do fenômeno natural ao qual qualquer língua está exposta. De acordo com essa tendência, o português brasileiro estaria se afastando das demais línguas românicas no que diz respeito à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN): o PB de língua [+pro-drop] passaria à língua [-pro-drop]. Isso quer dizer que no PB, ao contrário do que acontece no português europeu, no espanhol e no italiano, a representação do sujeito por meio de um item lexical (pronome) vem crescendo ultimamente, podendo estar ligado ao fenômeno do crescente aumento da desinência verbal e à topicalização que vem ocorrendo no português do Brasil. Poderia chegar a se aproximar do parâmetro [-pro-drop] do francês.

Esse acontecimento pode ser explicado pela falta de marcação da desinência verbal no âmbito da fala informal (exs: Eu canto*, Tu canta, Ele canta, Nós canta, Vós canta, Eles canta), sendo o pronome de segunda pessoal do plural praticamente inexistente na fala do brasileiro e a desinência “-mos” praticamente em extinção dentro desse sistema defectivo de sujeitos nulos no PB (DUARTE, ano, p. 265); ou pelo fato de o português ser uma língua voltada para o discurso e estar havendo uma crescente utilização do recurso da topicalização no PB. Seguindo essa tendência, poderá ocorrer um processo de variação/mudança linguística justificado pelo acionamento paramétrico – ainda no processo de aquisição da língua por parte da criança nativa – de dados no *input* com valores distintos dos fixados na gramática adulta ao qual a criança está exposta (nesse caso o parâmetro “+pro-drop” para o sujeito nulo).

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CHOMSKY, N. *Structures syntaxiques*. Paris: Seuil, 1969.

_____. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armenio Amado, 1975.

_____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas* (tradução: Lúcia Lobato). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

DUARTE, M.E.L. . *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil (pp.107-125)*. In.: KATO, M. & ROBERTS, I. (orgs) *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. SP: Unicamp, 1996.

_____. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. Campinas, 1995.

_____. *Sujeito nulo/sujeito pleno e marcas de concordância*. In: Votre, S. e Roncarati, C. (orgs). *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

HUANG, J. On the distribution and reference of empty pronoms. *Linguistic Inquiry*, v. 15. 1984.

KAISER, G.A.. *Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro*. Disponível em http://kops.ub.uni-konstanz.de/bitstream/handle/urn:nbn:de:bsz:352-273616/Kaiser_273616.pdf?sequence=3. Acesso em 18 de setembro de 2014, às 19h14.

KENEDY, E. . *Tópicos e sujeitos no PB: uma abordagem experimental*. Revista da ANPOLL, v. 31, p. 69-88, 2011.

MIOTO, Carlos et al. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

NEGRÃO, E. V. . *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de livre-docência. Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 1999.

_____. *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Fortaleza, v. 25, pp. 183-199, 2000.

PERINI, M. A. . *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PONTES, E. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

ROBERTS, I. G. . *Verbs and Diachronic Syntax: A Comparative History of English and French (Studies in Natural Language and Linguistic Theory)*. Hadcover, 1992.

SANTOS, E.C.S. . *O papel do input no aprendizado do uso do sujeito nulo na escrita por alunos da educação básica* [dissertação de mestrado]. Universidade de Brasília, UnB, Brasil, 2013.

SILVA, D. E. G. . *Percursos filológicos: nas trilhas das línguas românicas*. Goiânia: Cânone Editorial, 2008.